

A EDUCAÇÃO EM MEIO AO HIPERATIVISMO SÓCIO-CULTURAL DO MUNDO LÍQUIDO

Simone Moura Queiroz
UFPE/CAA
Simonemq35@gmail.com

Resumo:

Vivemos em um Mundo Líquido em que o provisório, o descartável, aquilo que não enraíza é o que domina os jovens, pesquisados nesse trabalho, que estão no último ano do Ensino Médio. Eles precisam escolher em que trabalharão pelo “resto de suas vidas”. E em meio a esse hiperativismo sócio-virtual como seguirão seus desejos, se não tem tempo para conhecer-se? Iniciamos este artigo com uma discussão a respeito de temas abordados pela Filosofia da Diferença, trazendo Foucault, Deleuze, Guattari, Rolnik, além de outros discursos voltados para a educação e o mundo atual. Apresentando em seguida nossos sujeitos, alunos de escola pública no último ano do Ensino Médio, em que neste trabalho destacaremos dois dos questionamentos que lhes foram feitos: O que pretende fazer ao finalizar seus estudos no Ensino Médio? Como as aulas poderiam ficar mais interessantes? Analisando suas respostas inspiradas nas teorias apresentadas.

Palavras-chave: Educação; Hiperativismo sócio-virtual; Ensino Médio; Sala de aula.

1. Introdução

Somos movidos pelo desejo. Algumas vezes o desejo por algo mais eminente, podem corromper ou até mesmo impossibilitar o que se deseja mais longinquamente, fazendo-nos adentrar em dilemas, que resultam em escolhas, difíceis escolhas. É o desejo que nos impulsiona, segundo Rolnik (2011), ele “é a força motriz [...] marcada por ininterruptos processos de construção e desconstrução de territórios existenciais, onde o sujeito encontra-se inserido neste fluxo de intensidade contínua entre a realidade social, que ele habita física e metafisicamente.” (QUEIROZ, 2014, p. 11, rodapé). É através do desejo que o sujeito vai se constituindo.

De acordo com Deleuze, em seu abecedário, temos que não se deseja apenas a uma pessoa, a uma coisa, a um lugar, a um status, mas a um conjunto, a um todo em que esse objeto de meu desejo está inserido. Quando uma pessoa deseja um objeto, por exemplo, uma Ferrari, seu desejo não recai apenas no automóvel, mas no que ele representa socialmente, no aglomerado de outros desejos que estão intrínsecos neste. Em um trecho do vídeo Deleuze afirma que “Nunca desejo algo sozinho, desejo bem mais, também não desejo um conjunto,

desejo em um

conjunto.” O desejo são devires que nos fazem produzir, criar, o que nos impulsiona.

Noutro trecho temos que “Não há desejo que não corra para um agenciamento. O desejo sempre foi, para mim, se procuro o termo abstrato que corresponde a desejo, diria: é construtivismo. Desejar é construir um agenciamento, construir um conjunto [...]”. Ao ser agenciado o sujeito vai se construindo, desconstruindo e reconstruindo, pois “[...] o desejo só funciona em agenciamento.” (ROLNIK, 2011, p. 37). É algo dinâmico, rizomático.

Mesmo que tenhamos o desejo de agradar o outro, permitindo-nos ser subjetivados por eles, deixando-nos aprisionar, isso continua sendo um agenciamento, pois permanecemos por nossa vontade, pelo nosso desejo, podendo nos ausentar quando não mais desejar. Guatarri e Rolnik (2011) afirmam que “Todos os fenômenos importantes da atualidade envolvem dimensões do desejo e da subjetividade.” (p. 36). Em que, o desejo alimenta a subjetivação e esta alimenta o desejo. É um jogo duplo e idas e vindas.

Podemos pensar em dois questionamentos, o primeiro seria “O que se deseja?” A resposta recairá sobre o objeto (pessoa, viagem, status, coisas, etc) do desejo. Enquanto o segundo seria “Por que deseja isso?” A resposta estará impregnada de subjetivação, que o levaram a desejar aquele objeto.

Não existe apenas uma maneira de ser subjetivado, pois o sujeito pode: “- Não perceber que está sendo subjetivado. - Perceber, querer lutar contra as forças, mas não conseguir. - Perceber e aceitar. - Perceber, lutar contra as forças que o subjetivam e conseguir rejeitá-la.” (QUEIROZ, 2015, p. 137). Segundo Deleuze (2011) a subjetivação é uma autoafetação, é “uma relação de força consigo, um poder de se afetar a si mesmo, um afeto de si por si.” (p. 108).

E em meio a toda esta complexidade encontramos os sujeitos da educação, alunos e professores, cada qual com sua multiplicidade, seus desejos. Tendo que interagir em um ambiente que muitas vezes em vez de agenciá-los, faz com que eles optem por rotas de fugas, por desterritorializar-se existencialmente.

2. A sala de aula líquida

Segundo Deleuze não é o ensino que faz aprender, mas o desejo e agenciamento (DELEUZE, GUATARRI, 2011). Agenciamento é o que atrai que conquista que nos faz

querer permanecer

onde estamos, e a rota de fuga, é algo oposto, que ocorre quando somos agenciados por outro movimento. A sala de aula é um convite à permanência, ela agencia, a partir do instante que querem permanecer nela, todavia observa-se que outros movimentos estão atraindo cada vez mais os alunos, fazendo-os optarem por rotas de fuga.

Em 2012, integrante do Conselho Nacional de Educação, Mozart Neves Ramos, afirmou em rede nacional que “O Brasil ainda tem uma escola do século XIX, professores do século XX e alunos do século XXI”. E esta frase repercute até os dias de hoje. A estrutura da escola mencionada por Foucault (2011) no conhecido *Vigiar e Punir* se mantém até hoje, alguns professores continuam vendo a sala de aula como algo a parte, não se permitindo inovar, enquanto isso os alunos vivem em um *hiperativismo sócio-virtual* (QUEIROZ, 2016), em que são “protagonistas de um tempo/espço cada vez mais fluido, instável, matizado, rápido e desconcertante [...]” (COSTA, 2008, p. 274).

Esse hiperativismo sócio-virtual faz com que se negue o viver a experiência, pois não se pode perder tempo. Não pode desconectar-se. Um instante que se passa fora dos ambientes virtuais, perde-se muitas informações, de fatos que podem estar ocorrendo a quilômetros de distância, ficando desatualizado, ultrapassado. Neste virtual é onde a vida acontece, através de fotos, vídeos, comentários. O que ocorre é que “a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência.” (LARROSA, 2002, p. 21). A experiência requer tempo, reflexão, estar consigo, para isso é preciso desconectar, estar *off-line*. Então, como conseguir ir de encontro à “necessidades” vigentes, em que “é a *quantidade* de conexões, e não a *qualidade*, que faz toda a diferença para as chances de sucesso ou de fracasso.” (BAUMAN, 2011, p. 24, grifo do autor)?

Afinal, muita coisa está ocorrendo, pois somos mais de sete bilhões de pessoas, distantes apenas por um click, “ninguém jamais fica fora ou distante; todos aparecem constantemente ao alcance de um chamado.” (BAUMAN, 2011, p. 15). E cair no “esquecimento público” é como uma espécie de morte. Alguns amigos brincando disseram “Se você não estiver no *Facebook*, não existe!” E aqui acrescento “se não estiver postado em alguma rede social, não ocorreu.” Ou seja, o não postar as baladas, as festas com os amigos, as viagens, o que se está fazendo naquele momento, as diversas *selfies* com a família, com os amigos, na escola (até fazendo prova), no trabalho (mesmo em meio à cirurgia), etc, faz com que a pessoa desapareça, seu eu deixa de existir. E se mesmo assim não receber uma

quantidade

“x” de curtidas, nem comentarem seus escritos, fotos, vídeos, de nada valeu seu esforço, pois irá se sentir um fracassado (a).

Além da existência do “eu virtual”, a pessoa sente-se obrigada a expor o que pensa sobre os fatos, que estão na moda, afinal tem-se acesso às informações (tendenciosas) referentes a esses.

Em nossa arrogância, passamos a vida opinando sobre qualquer coisa sobre que nos sentimos informados. E se alguém não tem opinião, se não tem uma posição própria sobre o que se passa, se não tem um julgamento preparado sobre qualquer coisa que se lhe apresenta, sente-se em falso, como se lhe faltasse algo essencial. (LARROSA, 2011, p. 22)

Essa necessidade de expor-se tanto com imagens como com opiniões, algumas “formadas” às pressas, sem muitas reflexão/consistência, leva-nos observar a liquidez do mundo que estamos inseridos, como Bauman (2011) tem-nos apontado. Vive-se apenas superficialmente, sendo o efêmero escolhido em vez do duradouro, que requer tempo.

É preciso ter tempo para conhecer suas verdades, seus limites, seus desejos, seus múltiplos-eu, pois é “necessário se ocupar de si mesmo, cuidar de si, ao mesmo tempo para se conhecer e para se formar, superar-se a si mesmo, para dominar em si os apetites que poderiam arrebatá-lo.” (FOUCAULT, 2006, p. 268). É o cultivar-se.

O cuidado de si é um conjunto de práticas segundo as quais o sujeito vai se constituindo como sujeito de suas ações, sem a necessidade de imposição de códigos e leis, e pressões sociais e morais, ou seja, o indivíduo através de sua temperança constitui o seu próprio código moral e vive baseado nele, se construindo e re-construindo, formando-se e transformando-se, constantemente em seu devir. (CAVAMURA, 2013, p. 1)

Antes de impor-se ou expor-se, apresentando suas opiniões ou imagens, o sujeito precisa reconhecer-se como sujeito de si mesmo, e não fazer algo ou deixar de fazê-lo porque “todos” estão ou não tomando certas atitudes/postura.

É como se estivéssemos no mar sendo levados por diversas correntezas, que nos arrasta de um canto a outro, sem nossa vontade, ou ondas que insistem em nos derrubar, fazendo-nos sufocar, ao engolir água, dificultando o nosso erguimento. A regra básica é: Se não conhecer, procure informações a respeito do mar, antes de entrar nele. E caso não saiba nadar, evite se as ondas forem violentas ou correntezas, isto não implica que quem sabe nadar é imune ao efeito ocasionado pela ação de ondas violentas e de fortes correntes marinhas.

Por não

viver esta experiência consigo acaba sendo levado como manada, seguindo o que todos fazem, sem refletir a respeito. Como uma pessoa arrastada pelas ondas. Sua opinião passa a ser a repetição da opinião dos outros.

Em meio a isso, encontram-se vários alunos em diversas escolas, tendo que finalmente fazer escolhas relacionadas à sua educação, agora são eles quem decide. Foram obrigados a frequentarem uma sala de aula, durante toda infância e grande parte da adolescência, agora se deparam com outro movimento, aquele em que pela primeira vez eles têm a liberdade de escolher. Com isso, alguns se sentem confusos, perdidos, pois não sabem se param de estudar, ou se continuam seus estudos. Optando por continuar os estudos, precisam se decidir entre um curso técnico, profissionalizante, ou universitário, em que cada um deles há uma diversidade de opções.

Seu desejo é sobrepujado pela quantidade de informações transmitidas por meios virtuais, pelas pessoas que lhes são próximas, pelos noticiários, impedindo-os de voltar o olhar para si, para reconhecer suas verdades. É permitir-se o ócio, em meio ao hiperativismo sócio-virtual vigente para nele se encontrar.

3. Metodologia e sujeitos

Após uma discussão intensa numa sala de aula da licenciatura em Matemática, em que relacionávamos o ambiente escolar com o hiperativismo sócio-virtual, optou-se por fazer uma sondagem com alguns alunos em seu último ano do Ensino Médio. Dos questionamentos feitos, destacaremos duas perguntas, sendo uma voltada para o ensino e outra relacionada ao que os alunos esperam do futuro, já que estão finalizando o Ensino Básico. Das perguntas respondidas discutiremos duas:

1. O que pretende fazer ao finalizar seus estudos no Ensino Médio?
2. Como as aulas poderiam ficar mais interessantes? (sugestões)

Como sujeitos, tivemos 99 alunos, de três turmas, do 3º ano do Ensino Médio de escolas públicas pesquisadas. Com idades que variavam de 15 à 25 anos, tendo 45% a idade de 17 anos completos, 33% com 16 anos, em que alguns ainda completariam no ano corrente da pesquisa.

4. Dados e análise

Ao serem questionados a respeito do que pretendiam fazer ao finalizarem seus estudos, tivemos as seguintes respostas:

27% escolheram profissões que lhes eram mais interessantes, como policial, jogador de futebol, informática, etc, não pretendendo cursar uma universidade;

36% mencionou que gostariam de ir para a faculdade, todavia não mencionaram o curso que gostariam de fazer. Podendo esta escolha ser ocasionada pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), fazendo-os sentir pressionados a escolherem um curso;

37% indicaram um curso superior específico, sendo os cursos de Fisioterapia, Enfermagem, Engenharia, Direito, Medicina, e Psicologia os mais mencionados. De acordo com o Sistema de Seleção Unificada (SISU), 2015, dos 2,8 milhões de inscritos, os dez cursos mais procurado a nível nacional foram, na sequência decrescente: Administração, Direito, Pedagogia, Medicina, Educação Física, Ciências Biológicas, Engenharia Civil, Enfermagem, Psicologia e Ciências Contábeis.

A ideia deste artigo não é “produzir uma homogeneização dos territórios” (ROLNIK, 2011, p.91), não é padronizar a resposta destes jovens questionados, para produzir um modelo “se... então”, ou “fazem isso por conta daquilo”. O que pretendemos é observar os movimentos que ocorrem ao nosso redor, mais precisamente dentro do ambiente sala de aula, em que o fora também faz parte do dentro.

Os dados apresentados podem ser analisados sobre diversas ópticas. Os sujeitos podem ter sido sinceros consigo ou não, ou seja, eles podem estar reproduzindo verdades provindas de encontros consigo ou ecoando verdades de outros ou um misto de ambas. Para compreendermos um pouco mais o movimentos de alguns desses jovens, teríamos que adentrar em seus territórios existenciais. Cartografá-los.

Larrosa (2011) nos diz que o sujeito vai se constituindo, na articulação de discursos e práticas. Por quais discursos estes alunos estão sendo subjetivados? Que linhas de enunciação estão perpassando-os para levá-los a desejar o que escreveram? Que práticas influenciaram nesta decisão? Até que ponto o que escreveram é uma decisão?

A respeito de

sugestões voltadas para a aula ser mais interessante. 56% dos entrevistados sugeriram aulas mais práticas, que fugissem do ler e escrever, visando novas formas de ensino, buscando aulas mais divertidas e dinâmicas.

11% dos alunos mencionou o uso de tecnologia.

O interessante é que 18% dos alunos recomendaram sair da sala de aula com passeios, aulas ao ar livre, destes 67% aludiram a ida ao laboratório de Matemática.

8% sugeriram discutir mais sobre os conteúdos do ENEM.

E 7% fizeram referência à carência voltada para o diálogo entre professores e alunos.

O confinamento na sala de aula, por horas, sem poder utilizar o celular, sem Internet, que vivenciam diariamente é algo que os incomoda, assim como a repetição da prática que reduz a aprendizagem a copiar e colar. Eles alunos mencionaram aulas mais dinâmicas, utilizando para isso um pouco do mundo que os rodeia, com o uso de tecnologias digitais, ambientes virtuais. Ou simplesmente uma aula de campo, para que possam sair um pouco do claustro, da rotina, do sentir-se preso.

Alguns se satisfazem com aulas mais direcionadas para as provas que farão dentro em breve, no final do ano, em que ainda desconhecem sua estrutura, e isso pode os assustar, já que esta definirá suas escolhas.

Foi interessante perceber o citado por apenas 7% dos alunos. Em que de acordo com suas respostas, eles devem sentir falta de serem vistos como sujeitos, em vez de apenas alunos, ou melhor, serem vistos como únicos, em vez de uma parte do todo, que é a turma da qual pertence. Os alunos podem querer dialogar com o docente, não apenas discutirem sobre o conteúdo. Serem notados por eles, em vez de apenas anotarem o assunto para reproduzi-los nas provas. Sentirem-se a vontade para expor suas dúvidas mais basilares relacionadas à Matemática, sem serem menosprezados por isso.

A quantidade de suposições pode aumentar, mediante aos dados produzidos durante a sondagem. O foco é refletirmos sobre o ambiente de sala de aula inserido neste Mundo Líquido, cujo hiperativismo sócio-virtual vai amofinando possíveis momentos de

experiências,
em que nele habita um docente, encarregado de ensinar e um grupo de discente, obrigados a aprender.

5. Considerações Finais

A ideia expressa nesta pesquisa em nenhum momento se refere à generalização. O intuito aqui é refletirmos sobre o movimento que está perpassando a educação. Temos alunos sentindo falta de ser olhado como sujeito, em vez de apenas aquele que precisa reproduzir o conteúdo. A escolha da profissão seria algo feito precocemente? Aos 17 anos, muitos desses alunos, precisam optar pela profissão que exercerão.

Alguns sabem disso e foram agenciados por uma ou outra profissão, outros apenas reproduzem o discurso de que precisam fazer uma faculdade, pois mesmo pressionados a decidirem ainda não sabem que curso escolher ou se realmente querem continuar a estudar. São muitas informações. Ao mesmo tempo eles fazem parte de grupos em redes sociais, e com isso sentem a necessidade de registrar cada um de seus passos com imagens, de mostrar que sabe conversar sobre diversos temas, de estar sempre informado sobre os assuntos da atualidade, pois isto é o ser-sujeito neste início de século XXI. Em meio a isso, alguns desses jovens podem estar perdidos em meio a diversidade de opiniões, não lhes restando tempo para ocupar-se consigo, para cultivar-se, para em seguida fazer uma escolha relacionada à suas experiências. Para conhecer suas verdades, para saber o que desejam.

Diante de todo esse hiperativismo sócio-virtual, os alunos sentem-se confinados no ambiente da sala de aula, vendo-o como uma prisão, almejando sair deste. Ou, como alguns sugeriram aproximar um pouco o ambiente de confinamento que é a sala de aula, de como é a vida, no século XXI, fora do muro da escola.

6. Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

CAVAMURA, N. R. B. Michel Foucault e a Coragem da Verdade: uma reflexão sobre o professor parresíasta. In: Encontro Nacional de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática, 17, 2013, Vitória. **Anais...** Vitória: SBEM, 2013. ISSN 2237-8448

COSTA, M. V. Cartografando a gurizada da fronteira: novas subjetividades na escola. In: Albuquerque Júnior, D. M., Veiga-Neto, A., Souza filho, A. (Orgs.) **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

DELEUZE, G. **Foucault**, São Paulo: Brasiliense, 2011.

DELEUZE, G;

GUATTARI, F. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia, vol. 2. 2 ed. São Paulo: 34, 2011.

FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: **Ditos & Escritos V** - Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: História da violência nas prisões. 39 ed. Tradução R. Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 2011.

GUATTARI, F; ROLNIK, S. **Micropolítica**: Cartografias do desejo. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 2011.

LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. RBE Jan/Fev/Mar/Abril. 2002. n.19.

QUEIROZ, S. M. Caso Sabrina: quando a cartografia atinge uma marca. In: Encontro Paraibano de Educação Matemática, 8, 2014, Campina Grande. **Anais...** Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba, 2014.

QUEIROZ, S. M. **Movimentos que permeiam o devir professor de matemática de alguns licenciandos**. 2015. 208f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2015.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: UFRGS, 2011.